

Sarney denuncia atentado à liberdade

O presidente José Sarney sente-se injustiçado e ameaçado por terrorismo moral, irresponsabilidade, faccionismo e primarismo político, que são a "atentados fundamentais à liberdade democrática". A reclamação é dele mesmo, no progra-

ma *Conversa ao Pé do Rádio* de ontem. O presidente exaltou o seu "grande sacrifício": "Não sei onde tenho encontrado reservas de tanta paciência, tanta tranquilidade, para não perder o rumo que foi traçado". Isso porque "alguns, neste país, em

nome da liberdade, estão tentando matá-la — matá-la não sabendo que vão morrer com sua morte".

Apesar de lhe incomodar "o ódio de alguns, a incompreensão de outros, a inveja e o despeito de muitos", Sarney reco-

nhece ter o apoio do Congresso e da maioria da Assembléia Constituinte. "E não se trata de apoio a José Sarney. Trata-se do apoio ao grande projeto de democratização do País", por ele realizado, garantiu. Sarney afirmou ter dado, nos três anos

de governo, a sua "grande contribuição ao País, contribuição de servir e não de ser servido", mesmo sem descansar: "Não tive um minuto de sossego. Foi uma guerra permanente de interesses, de ambições, de mesquinhas disputas políticas, uma

verdadeira irresponsabilidade". Segundo o presidente, "um governo que promove a liberdade não tem medo de nada; nem de intrigas nem de mentiras", e a única solução, hoje, depois da "construção" da democracia, é a estabilidade.

Para presidente, importante é a estabilidade

Esta é a íntegra da *Conversa ao Pé do Rádio*:

"Brasileiras e brasileiros, bom dia.

Aqui vos fala o presidente José Sarney, em mais uma das nossas conversas ao pé do rádio, de todas as sextas-feiras.

Neste dia, com a lembrança de ontem, 21 de abril, o dia da liberdade em nosso país, em que nós celebramos os 196 anos do sacrifício de Tiradentes e o terceiro aniversário da morte do presidente Tancredo Neves, o grande fundador da nova democracia brasileira que nós estamos implantando com tanto trabalho e sacrifício, apesar da incompreensão raivosa de muitos.

Todos se lembram de 1985 e o que representou a alegria da morte e da doença de Tancredo Neves. Tudo o que se fez sob sua liderança. Toda a montagem dos acordos e pactos com os numerosos e heterogêneos grupos políticos nacionais haviam sido firmados por ele, que patrioticamente tinha conseguido que as divergências fossem esquecidas para que fosse fundada nova democracia.

De repente, como vice-presidente, tive que assumir o governo, substituindo Tancredo para honrar os compromissos da Aliança Democrática e promover a transição. Cumprido com todos esses compromissos que fazem parte do documento que nós firmamos. Cabe-me a grande e a difícil missão de conduzir o Brasil nessa transição, das margens do autoritarismo às margens da democracia, através de todo tipo de tormentas e de ameaças, de crises econômicas, políticas, sociais, partidárias e muitas vezes meros arroubos personalistas. Fixei-me um tempo para realizar este trabalho e não me afastei nem me afastei um milímetro da minha rota. Minha bússola está apontada para o norte da liberdade. Nada me distrai dessa preocupação, porque estou convencido que somente através da democracia, com a Constituição, com o País organizado, com eleições diretas, com sindicatos atuantes, com partidos legalizados, com imprensa livre e responsável, nós podemos ter a democracia plenamente implantada com estabilidade, desenvolvimento, justiça e paz.

Posso dizer, olhando esses três anos, que a esta altura já sou o vice-presidente do Brasil que conseguiu mais tempo governar, atravessando as dificuldades que sempre atravessaram os vice-presidentes da República quando têm que assumir o governo.

Nestes três anos, nada mais tenho sido do que o presidente de um país democrata. E o Brasil é uma democracia reconhecida universalmente e desfrutada por todos os brasileiros. Estamos na lista das democracias organizadas pela esquerda e pela direita no mundo inteiro.

Vamos ver rapidamente uma lista das decisões que demonstram esses avanços da democracia no Brasil: foi liberada a organização partidária; acabaram os partidos clandestinos, as camuflagens ideológicas forçadas pela intolerância; e, mais do que isso, acabei com a segregação e a discriminação ideológica no Brasil. Todos os partidos, de todas as ideologias, cores, bandeiras, estão livres para se qualificarem nas disputas eleitorais. Ninguém mais precisa se esconder e nem está ameaçado de prisão ou perseguição para dizer o que pensa e o que acha que é melhor para o Brasil. É rara a semana em que o povo brasileiro não tenha uma hora de televisão, no mínimo, em campanhas questionando o governo e o presidente da República, que tudo isso aceita como parte do jogo democrático e da sua função. Nunca em nossa história alcançamos tal nível de liberdade política e partidária.

Temos uma Assembléia Nacional Constituinte que por si mesma é um instrumento que causa muitas dificuldades, porque questiona a cada dia as instituições, uma vez que ela pode mudá-las. Convocada por mim e que funciona com todas as liberdades, cujas decisões emocionam a Nação. Pela primeira vez se tem uma Assembléia Nacional Constituinte, na história do Brasil, em que o presidente da República não está sentado dentro da Assembléia Constituinte, tentando ditar-lhe normas.

As eleições diretas para presidente da República foram restabelecidas desde 85. Acabaram os municípios considerados áreas de segurança nacional e as estâncias hidrominerais onde os prefeitos eram nomeados. Também os prefeitos das capitais deixaram de ser nomeados e passaram a ser eleitos. Foi estendido o voto ao analfabeto.

Tivemos eleições, as mais livres do Brasil, para os governos dos estados, senadores, deputados. O Brasil passou a ter a sua modernização em título de alistamento eleitoral. Somos, hoje, a segunda democracia no mundo em número de eleitores. As centrais sindicais, que eram ilegais, funcionam livremente. Em três anos foram reconhecidas 1.016 novos sindicatos. Um número extraordinário, pois o Ministério do Trabalho levou 30 anos para

reconhecer menos de nove mil. Nenhum líder sindical foi cassado e mais de 200 líderes sindicais cassados foram anistiados. O comitê de liberdade sindical da Organização Internacional do Trabalho, em Genebra, pela primeira vez não registrou uma única queixa contra o Brasil.

O prestígio internacional do País, resultado da nossa democracia interna, reflete-se nas atenções com que nossa opinião é ouvida, nossos compromissos são aceitos, nossa parceria é desejada.

Ao lado dos nossos irmãos da América Latina, o Brasil dá os primeiros passos para a criação de um Mercado Comum. Uma aliança econômica que somente nações livres, democráticas, estáveis politicamente, podem assumir.

Tudo isso, porém, não sendo feito sem grandes sacrifícios. Custa-me o ódio de alguns, a incompreensão de outros, a inveja e o despeito de muitos que querem usar a liberdade que foi implantada no País para destruir a liberdade, para destruir o sistema que está sendo construído, para desestabilizar o governo e muitas vezes pensando em poder extingui-lo.

Sei que tenho, como já foi demonstrado em muitas oportunidades, o apoio do Congresso e da maioria da Assembléia Nacional Constituinte. Não se trata do apoio a José Sarney. Trata-se do apoio ao grande projeto de democratização do País proposto por Tancredo Neves e que me pode realizar como presidente. Trata-se do apoio à instituição da Presidência da República, que é permanente numa democracia e que deve ser respeitada, que deve ser ajudada, que deve ser dada vez mais consolidada como um instrumento necessário a que um país possa ser realmente democrático.

Eu tenho superado as minhas limitações e não sei onde tenho encontrado reservas de tanta paciência, de tanta tranquilidade para não perder o rumo que foi traçado. A liberdade está nos levando através das crises para as margens da democracia, que significa, ao mesmo tempo, ordem, desenvolvimento, paz e estabilidade. Muitos avanços foram feitos, estão aí a serviço do povo brasileiro. No campo social, no campo econômico, como eu disse, também, no campo político.

Brasileiros e brasileiras, estas reflexões vêm com a evocação da data do martírio de Tiradentes, que é a data da liberdade no Brasil.

Nestes três anos tenho dado a minha grande contribuição ao País. Contribuição de servir e não de ser

servido. Contribuição de ver com olhos de futuro a nossa Pátria e não com a mesquinha visão dos interesses imediatos.

A liberdade está implantada. Ninguém tem sido mais democrata do que eu. Ninguém tem sido mais exercido, sofrido pela democracia e pela liberdade mais do que eu. Num regime que é uma tentação aberta a todas as licenciosidades, ouvi do presidente Frei, pouco antes de morrer, o testemunho trágico de que somente se sabe o que é a liberdade quando se perde a liberdade. Por isso tenho dito que alguns neste país, em nome da liberdade, estão tentando matá-la. Matá-la, e não sabendo que vão morrer com a sua morte.

O terrorismo moral, a irresponsabilidade, o faccionismo, o primarismo político são atentados fundamentais à liberdade democrática. O Brasil precisa de uma única coisa para que ele possa realmente ter a sua tranquilidade, a paz em que ele possa crescer e fazer a felicidade do seu povo. Essa única coisa é, hoje, a estabilidade, depois da construção do regime democrático. Quem pensar que vai ser usufrutuário da instabilidade, está sendo arquiteto do seu próprio engano. É hora de parar e de pensar no Brasil. Ouvi outro dia do presidente Sanguinetti o seguinte: no Uruguai, a oposição, no dia que ele foi eleito, deu-lhe três anos de trégua para que a governabilidade e o poder civil fossem construídos. Porque eles sabiam das dificuldades que tinham. Aqui, nós não tivemos. Eu não tive um minuto de sossego. Foi uma guerra permanente de interesses, de ambições, de mesquinhas disputas políticas, uma verdadeira sedição de irresponsabilidades. Eu me pergunto muitas vezes: aonde essa gente deseja chegar? Ao caos, à anarquia, ao retrocesso. Não vamos permitir que isso aconteça. Eu tenho a consciência tranquila de ter cumprido com o meu dever. Dei a minha parte. Estou dando a minha parte e todos os brasileiros devem reconhecer isso. Mesmo aqueles que possam ser contra mim a despeito de qualquer coisa.

Portanto, eu termino este programa com um chamado à reflexão. Vamos pensar um pouco nas coisas que estão acontecendo. O Brasil necessita que cada um cumpra o seu dever.

Brasileiras e brasileiros, Um governo que promove a liberdade não tem medo de nada. Nem de intrigas, nem de mentiras, porque a liberdade assegura a todos o direito de que a verdade possa aparecer.

Bom dia, muito obrigado e até a próxima semana."

